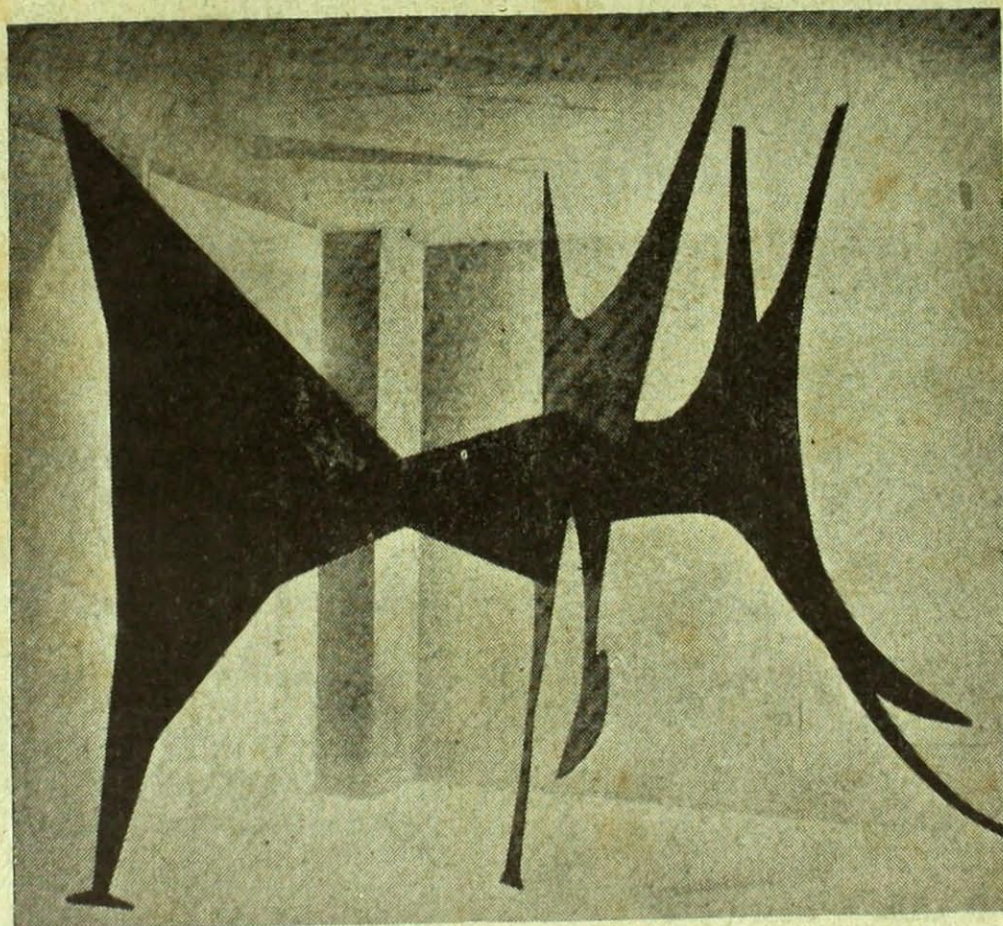


SUL

Revista do Círculo de Arte Moderna



PINTURA DE CALDER
(NORTE AMERICANO)

Suicídio

WALMOR CARDOSO DA SILVA

Afundar num desejo
De águas lentas e mornas ;
As idéias ficam pequenas,
Distantes . . .
Só o desejo envolvendo o corpo
Apertando-o contra si.

Lá longe, as idéias,
Quasi as perdemos de vista,
Flutuando,
Gozando a liberdade
De um instante secular.

Duas partes abraçando um todo :
A água, morna
Carícia elástica que beija e beija
O corpo lânguido,
Frouxo, embalado
Pelo ritmo que nasce do desejo.
O ar, espaço,
Vasio ar branco impregnado de
Voluptuosidade
Que sobe ao teto e volta mais depressa
Para sentir o langor que sai do corpo.

E a canção das águas adormece,
Vem uma sensação de
Suicídio — as idéias se vão . . .

. . . Afundar num desejo
De águas lentas e mornas.

Poema

CLOVIS ASSUMPÇÃO (Pôrto Alegre)

A imagem da jovem
decuplicada no espelho.
Rósea, verde-musgo, azul.
Nas poças d'água.
Na rua.
Sôbre a face do éfebo
justaposta.
Insuperavel contorno
perdido no escuro corredor do mundo.
Sôbre o celuloide
no negativo das fotografias,
inexplicada,
pobre de côres,
plena de promessas.
No bolço do pai.
Na parede.
Nos olhos dos peixes.
Nos aquários.
Nos olhos dos bois.
Na vitrine.
A jovem quasi limitada.
Fazendo medo aos tímidos,
aos torturados.
Jamais um ontem de espera,
Jamais uma raiz imposta
em esquinas vulgares.
A jovem toda nas imagens
longitudinais, oblongas.
Nem uma lágrima
em memória doce,
nem uma forma definitiva.
Só o movimento
nos bondes,
nos taxis,
nos grills,
levando a face e o corpo.
mistério vulgar.
O segrêdo tão simples
nas sobancelhas,
na arcada dos dentes,
a forma,
a côr da blusa,
podem trazer um poema
à superfície pálida
da mesa quadrada,
para ficar com a moringa,
o copo,
as seis laranjas,
o masso de cigarros,
os fósforos,
o lapis,
a fôlha de papel
e os óculos,
tudo inutil à espera da morte.

REVISÃO DE VALORES

SALIM MIGUEL

Fala-se hoje em dia, demasiadamente, em revisão de valores. Prá tudo. Principalmente nas nossas revistas de novos. Funda-se uma revista. Faltam artigos? Escreva-se logo qualquer coisa sôbre revisão de valores. Um poeta novo quer aparecer? Revisão e renovação de valores. Vai-se fazer um depoimento? Não pode faltar o tópico sôbre revisão de valores.

No entretanto, vejamos o que vem a ser essa tão decantada revisão de valores. De tempos em tempos, os homens parece que se acordam e resolvem analisar, vasculhar o que passou. Então põem tudo prá fora e mãos à obra. Nós todos sabemos, percebemos perfeitamente que nada deixa de sofrer a ação do tempo e que só a distância nos permite ver com isenção de ânimo um período qualquer. Quanto mais próximo de nós — e está já é uma "frase-verdade" quase acadiana — mais difícil se torna examinar uma época.

Nestas revisões de valores, principalmente os artistas tem uma dura prova a vencer. Entendamo-nos porém num ponto: revisão de valores nunca foi nem será destruição. Será, isto sim, destruição de falsos valores. Revisão de valores nunca foi méro desejo de aparecer, nunca foi pura e simplesmente um meio de se fazer escada para subir. Mas pesquisa, análise, procura da verdade.

Vejamos as coisas friamente, com realidade. As gerações de vinte e trinta, contra as quais se abrem hoje, desordenadamente e sem métodos, as baterias de alguns grupinhos, cometeram seus erros tremendos. No entanto, desses próprios erros, saíram lições para nós. Por isto, de maneira alguma temos o direito de cometer os mesmos erros que eles. Naquela época, por força das circunstâncias, as coisas exigiam que se não olhasse para nada. Era preciso derrubar, para depois, como foi feito, erguer muitas vezes o mesmo que antes se havia derrubado. Mas a verdade, o que sobra, o que se impõe, o que não podemos ignorar é isto "era preciso derrubar". As coisas haviam chegado a um tal ponto que aquilo se transformara numa necessidade psicológica. "Chamem de festa e qualifique-se de essencialmente destrutiva a semana, mas fazendo-lhe a justiça de reconhecer no estardalhaço e na agressividade a única saída, a fórmula providencial. (Lourival Gomes Machado — História da Arte Moderna no Brasil)".

Hoje, para nós, para a nossa geração, a geração dos vinte anos, tudo está se não mais fácil, pelo menos diferente. Já não é preciso a derrubada improficua e que só nos fará perder tempo, dos de ontem. Já poderemos, de dentro do caos, divisar, se não uma restea de esperança, pelo menos o que não deve ser feito. E isto já é muito.

Por que então essa revisão de valores que em verdade "não é" revisão de valores? É sim mera destruição.

Qual a finalidade dela? Faremos nós os mesmos erros que culpamos nos demais?

Não se pense, agora, que somos contra a revisão de valores. Pelo contrário. Ela é necessária para pôr nos justos lugares os homens e as obras. Mas é preciso que ela seja feita de uma forma justa e coerente. Não poderemos, por exemplo, deixar de dar os nossos aplausos a um Dalton Trevisan quando procura enquadrar logicamente Monteiro Lobato, no lugar onde êle deve estar desendeusando-o, ou o grupo de São Paulo quando tenta fazer o mesmo com Oswaldo de Andrade. Porém, quando se quer, sem uma análise justa e lógica, derrubar pelo méro prazer de derrubar, não reconhecer o valor de um Mário de Andrade, de um Carlos Drumond, etc., a coisa muda de figura.

Porque a verdade, toda verdade, quer queiramos quer não, é que nós, todos nós, somos filhos espirituais dessas gerações de 20 e 30. Os que mais esperneiam são precisamente aqueles que mais se sentem presos a ela. Enquanto que nós outros, olhando-os com mais compreensão, já nos estamos tentando libertar, já estamos tateando por caminhos novos. Procurarmos nos libertar dos erros que eles cometeram, é uma bela coisa. Mas cair nos mesmos erros que eles, quando nossas condições, as de nossa época, são inteiramente outras, é que não tem desculpa, não se compreende.

E mais uma coisa se impõe. Estamos ainda muito sob a influência do período que passou — se é que já passou — muitos de seus valores ainda aí estão, refletem sua luz sôbre nós, é demasiado cêdo para que os possamos analisar friamente. Temos ainda as nossas paixões, o nosso estreitismo, toda a nossa mesquinheza, que nos impede a mente fria exigida para estes casos. E é aí então que cometemos injustiças tremendas. Conciente ou inconcientemente. Porque é impossível deixarmos de reconhecer, desses pioneiros que foram as gerações de 20 e 30, uma coisa não se lhes pode negar, mesmo que nada tivessem feito que prestasse, mesmo que não existissem entre eles um Mário de Andrade, um Carlos Drumond, e outros mais em todos os outros setores — é que eles tornaram possível que nós tomássemos conhecimento de nós mesmos, do que nos cerca, do que é nosso. Podemos mesmo dizer que sômente depois deles é que começamos a pensar e a analisar em função do que nos rodeia, do nosso ambiente, do nosso meio. Antes, fora um ou outro vulto isolado, o mais era tudo puro Coelho Neto.

Vejamos o que está acontecendo agora. Tomemos, p. ex., o caso Carlos Drumond. Não queremos de modo al-

(Conclue na página 15)

SUL

REVISTA DO CÍRCULO DE
ARTE MODERNA

Redação :

*Conselheiro Mafra, 147
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.*

*

DIRETORES :

*Anibal Nunes Pires
Hamilton V. Ferreira*

*

SECRETARIOS :

*Salim Miguel
Antônio Paladino*

*

CORPO DE REDAÇÃO :

*Eglê Malheiros
Ody Fraga e Silva
Fúlvio Vieira
Archibaldo C. Neves
Élio Balstaedt
Pedro Taulois
Walmor C. Silva
Cláudio B. Vieira
Layla Freyesleben*

*

GERENTE :

Armando S. Carreirão

*

SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem, as responsabilidades, de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

*

Assinatura por doze números : Cr\$ 24,00

Preço por exemplar :
Cr\$ 2,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

O QUE DIZEM DE "SUL"

TRECHOS DE CARTAS :

Rio, 11/10/48.

Recebi com agrado o exemplar de sua revista "SUL", que teve a gentileza de me enviar. Embora um pouco "passado", sou admirador da arte e da literatura modernas. Conheço outras revistas do genero *Joaquim* e *Clá* — e, porisso, acho que posso felicitaros pela de sua. É preciso que se faça isso em cada Estado ou cada cidade do Brasil. RENOVACÃO, ESPANAÇÃO.

Ass. Major Luiz da Cunha.

Belo Horizonte, 5/9/48.

A resposta da carta de vocês foi mofando na gaveta das boas intenções, alimentada pelo entusiasmo sincero que me traz o belo esforço de vocês e SUL que tem chegado regularmente... A revista melhorou do 1.º ao 4.º número, o que é bom. Não sei se alguém de "Edifício" lhes escreveu mas quase todos receberam SUL com simpatia e interesse.

Edmur Fonseca

Rio, 3/9/48.

Recebi os números de SUL, gentilmente enviados. Fiquei muito entusiasmado com o movimento que vocês estão realizando e não tenho dúvidas quanto à qualidade do que vocês vão fazer ainda. Agradeço a simpatia nota a respeito da minha visita a Florianópolis. Tenho a informar que ela se tornou realidade, graças ao interesse de Jorge Lacerda e a compreensão do Dr. Armando Simone Pereira que fiquei conhecendo e do qual tive uma impressão das mais lisonjeiras. Contava, para o êxito perfeito da missão, com o apoio dos companheiros de SUL, tão interessados como eu na divulgação das belas coisas e no elevamento do nosso bem triste nível cultural.

Marques Rebelo

Maceió.

Recebi os números da revista que vocês me enviaram.

Ha muita curiosidade em torno da mesma aqui. Espero que envie, da proxima vez mais números, afim de dar a divulgação merecida à sua revista. Vou transcrever no nosso suplemento literario, da Gazeta de Alagoas, que sairá por esses dias, os seus trabalhos.

Ass. Dr. José Silvio Barreto de Macedo.

Curitiba, 9/9/48.

Li encantado a revista SUL.

Jamais imaginei que aí houvesse moços de tanto talento. Sua revista é ótima e precisa ser melhor divulgada em Curitiba, onde, apesar de tão proximo, é tão pouco conhecido esse Estado irmão.

Colombo de Souza.

TRECHOS DE ARTIGOS DE JORNAIS
E REVISTAS

Rio, 5/9/48.

O exemplo de SUL deve proliferar como bandeira revolucionária, afastando com a recuperação necessaria de valores, a agua parada das nossas letras... SUL vem a proposito... Era a resposta necessária e o grito de libertação necessário.

Dirceu Quintanilha — "Panfleto"

"SUL" — MENSAGEM QUE NOS VEM
DE SANTA CATARINA

Registramos, mais uma vez, com a simpatia que nos merece, a visita de SUL, a magnifica revista do Círculo de Arte Moderna de Florianópolis, dirigida por Anibal Nunes Pires. Trata-se de uma brilhante mensagem dos "novos" de Santa Catarina e que se incorpora, com o mesmo espírito de independência e o mesmo sentido de renovação artística e literária, a esses numerosos grupos de jovens que, multiplicando-se por todo o país, erguem sua palavra inquieta e sugestiva através de vivas e palpitantes revistas.

Devemos assinalar que raramente assistiu o Brasil a um movimento tão intenso entre as suas novas gerações.

SUL é uma publicação vitoriosa e já nos oferece um crítico seguro como Salim Miguel — fazendo uma análise penetrante dos romances de José Geraldo Vieira; uma vocação indiscutível e rara de dramaturgo, como a de Ody F. e S.; contistas interessantes como Anibal Nunes Pires e T. C. Jamundá, este último já premiado no concurso de contos de LETRAS E ARTES; significativas vozes poéticas como as de Eglê Malheiros, C. Bousfield Vieira, José Tito Silva e Antonio Paladino; bons ilustradores, como Moacyr Fernandes e José Silveira D'Avila, estes últimos já conhecidos aqui no Rio, quando bolsistas de Santa Catarina na Escola Nacional de Belas Artes.

Deve-se ao "Círculo de Arte Moderna", cujo órgão é a revista SUL, a encenação de peças de Sartre, Shaw e Pirandello, na capital catarinense. Tudo isto constitui um esforço admirável desse grupo batalhador, ao qual LETRAS E ARTES envia seus parabens, muito embora não seja com parabens que se montam peças teatrais, como aliás pondera um comentário estampado no próprio SUL.

Rio, 5/9/48. Sup. Lit. "Letras e Artes", direção de Jorge Lacerda.

ROSA VERMELHA

Conto de Anibal Nunes Pires

A porta escancarou-se, não oferecendo resistência à brutalidade do ponta-pé. No ângulo da sala, êle estava sentado numa poltrona, à feição do Pensador. Não pensava. Recordava. Mudo e longe. Insensível e alheio às coisas em redor.

O vento entrou inconciente, desfolhando a rosa vermelha do vaso, sôbre a mesa.

A impassibilidade do irmão desconcertou Filipe, abrandou-lhe a fúria e fez que estacasse indeciso, no centro da sala. Expressão, a um tempo de nojo, de raiva e in-

compreensão, tomou-lhe conta do rosto. Engoliu a saliva e, por duas vezes, tentou começar o sermão.

Amiel era mais moço, havia de ouvi-lo e compreender o absurdo de sua resolução. Escolheria a palavra adequada e as expressões oportunas para convencê-lo do erro e afastá-lo daquela monstruosidade.

— Então ! ?

O mesmo silêncio ; a mesma atitude ; a mesma serenidade ; o mesmo alheamento. Amiel permanecia calmo como se a cena lhe fosse familiar e a fisionomia inalterável denotava leveza e serenidade dentro de si mesmo. O certo é que não tomou conhecimento da presença do irmão. Estava absorto. Vivía no mundo que criara ao lado de Cloé. O irmão, a mulher, os filhos não passavam agora de abstrações num mundo que êle jamais sentiria e no qual nunca tinha vivido.

Cloé deu-lhe o sentido da vida.

Cloé era a própria vida.

Cloé deu-lhe a moral dos anjos.

Cloé era a sua moral.

A rosa vermelha do vaso, sôbre a mesa, era de Cloé. Cloé era a rosa vermelha. Tão simples quanto a rosa, tão delicada quanto a rosa, tão pura quanto a rosa vermelha do vaso, sôbre a mesa.

— Cretino ! tenho vergonha de ser teu irmão. Egoísta ! perdeste o senso da responsabilidade ? Deixas, sozinho no mundo, crianças indefesas e inocentes que não teem culpa dos teus desvarios ? Concentra-te ! pensa, pensa, reflete . . .

— Amiel !

— Cloé !

— Não te afastes mais de mim.

— Nem um segundo ?

— Não, nem um segundo.

— Amiel, eu prometo. Tu sabes, tudo o que existe no mundo, só existe porque tu existes.

— Não Cloé, eu é que vivo em função de ti. Tu és a natureza que nos rodeia. Toda a magia das cores vejo nos teus olhos.

— Êles são inexpressivos ; êles não veem . . .

— É preciso que me creias Cloé ; penetrei profundamente nas belezas do mundo quando conheci os teus olhos. Ser cego não é perder a visão. Dois olhos são veem apenas irrealidades. Veem acidentes. Ilusões, Cloé. Ilusões e aparências. Nada essencial e profundo, Cloé. Vivem de aparências. Quisera eu ver o azul, o verde, o vermelho como tu os defines Cloé.

— Vocês dizem que nós não fazemos idéia das cores.

— Lembra-te Cloé : Como é mágico o azul do meu céu interior . . . eu te amo em rosa, vermelho azul e violeta . . . Amiel, para mim as cores são o amor . . . O amor é o arco-iris, não é Amiel ?

Tinhas razão, Cloé. O amor é o arco-iris.

Amiel não via Filipe, Amiel via Cloé. Os problemas de Filipe não eram problemas para Amiel. Amiel não tinha mais problemas. Êle tinha encontrado o seu caminho e o seu caminho era Cloé.

Tinhas razão, Cloé ; O amor é o arco-iris : "Eu porei o meu arco nas nuvens e êle será o sinal do concôrto entre mim e a terra. Eu me lembrarei do concôrto que fiz convosco e com toda alma vivente, que anima a sua carne. E não tornará mais a haver dilúvio que faça perecer nas aguas toda a carne. E o meu arco está nas nuvens ; e vendo-o eu me lembrarei do concôrto que foi pactuado entre Deus e todas as almas viventes de toda carne que há sôbre a terra".

Depois do dilúvio de misérias e sofrimentos eu encontrei Cloé. Cloé é o amor e o amor é o arco-iris.

Um olhar, de mar e de céu, e um sorriso, sem artifícios deram uma expressão angelical a Amiel quando deixou cair naturalmente os braços e se recostou na poltrona.

— Resolves, afinal, dar sinal de vida ? É preciso que me escutes. Tua mulher não suportará os olhares humilhantes das amigas. Ainda hoje estive lá. Está desolada. Diz que não mais sairá da casa. A sociedade sabia que vocês viviam bem felizes. Que escândalo.

Não pensas na minha posição ? Não ouves a voz de teus filhos ?

(Conclue na página 11)

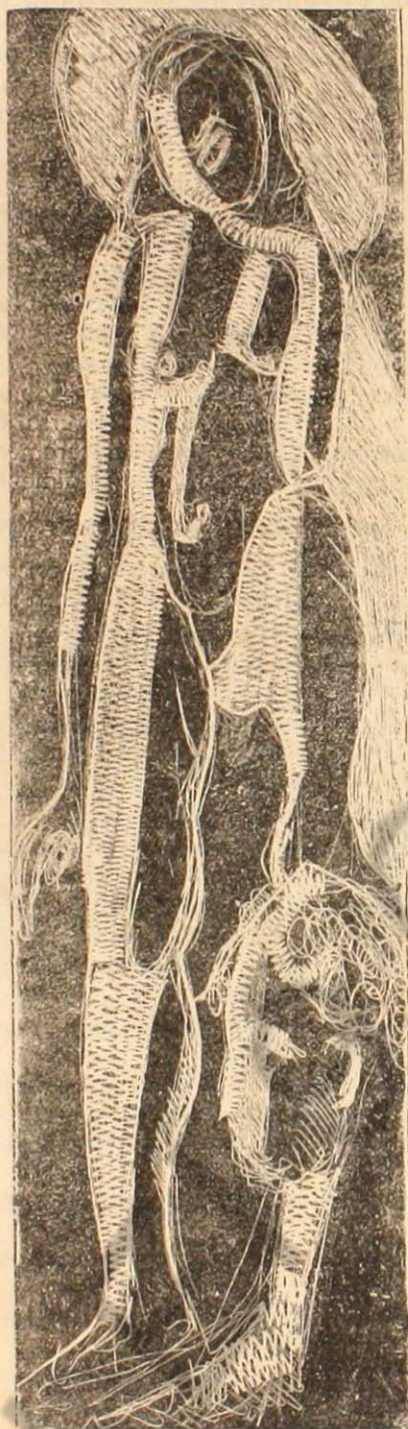


Ilustração de Moacir Fernandes

O NOVO CÉU E A NOVA TERRA

1 ato de ODY FRAGA E SILVA

"Vi um novo céu e uma nova terra: porque o primeiro céu e a primeira terra já se foram e o mar já não é".

Apocalipse 21,1.

PERSONAGENS

Homem que quer crer
Homem que duvida

À guisa de cenário

Um pequeno monte. No fundo o horizonte. A luz é quase crepuscular.

CENA

No primeiro plano, o monte, estão dois homens sentados. Seus trajés são indefinidos. Possuem feições moças e falam com vaçar e firmeza.

Homem q. duvida — Contudo, o homem sente a necessidade de ser salvo, mas nunca sabe bem do que precisa ser salvo.

Homem q. q. crer — Salvação não é bem o que desejo. . . (pausa) — Eu quero o novo céu e a nova terra.

Homem q. duvida — Onde pretendes encontrar este novo céu e esta nova terra? Na religião?

Homem q. q. crer — Talvez. . . O novo céu e a nova terra para mim são a verdade. As religiões, todas elas, possuem algumas verdades, mas não a verdade.

Homem q. duvida — A verdade assim no sentido absoluto é puro intelectualismo. A verdade é restrita e no final das contas é, também, uma coisa bastante duvidosa.

Homem q. q. crer — Oh! Não é desta verdade a que me refiro. Eu quero a minha verdade. Todo homem possui a sua verdade, esta é que precisamos conhecer. É indiferente para mim, conhecer ou desconhecer uma verdade absoluta, porém, não posso suportar não conhecer a minha verdade; o novo céu e a nova terra, que são, no fundo, a minha razão de ser.

Homem q. duvida — Cristo disse: "eu sou a verdade", isto tem algum significado para ti?

Homem q. q. crer — Até certo ponto. Cristo conhecia a sua verdade. Em alguns casos ele chega a ser a verdade deste ou daquele, mas não me satisfaz. Representa muito para mim, porém possui um ponto negativo: a volúpia da dôr. Quero a minha verdade em sua plenitude.

Homem q. duvida — O teu misticismo então peca por falta de base, de apoio. Acho estares indo para o pantefismo, e isto são águas passadas.

Homem q. q. crer — Se eu pudesse crer na natureza! Não! A natureza é como os cultos religiosos. As religiões vivem pelo que tem de mecânico, rotineiro, cotidiano e não pelas verdades que encerram. A natureza é assim. (Pausa) — As vezes vou até àquela figueira (aponta um lugar fora de cena) — e converso com ela. — Não me julgues um animista por isso. — As respostas eu mesmo as dou, mas a figueira me ouve, este é o grande dom da natureza, ela sabe ouvir, mas as respostas nós mesmo temos de dá-las, e é por isso, que a maioria dos homens se entregam ao acaso, têm medo de dar uma resposta às suas próprias perguntas.

Homem q. duvida — Não te compreendo bem. Vivo dentro dos meus limites. Conheço meus erros e minhas poucas virtudes. Aceito-me como sou: bom e mau, simples e complexo, tudo depende das circunstâncias.

Homem q. q. crer — Eu quero o que transcende às circunstâncias. Nós possuímos um ser, o verdadeiro ser, que foge aos fatos dos quais estamos cercados. Um ser livre da sociedade e da família, livre de tudo o que vem de fora. Este ser, o qual na maioria das vezes é solapado e violentado, é que eu quero dar plenitude, quero vê-lo viver com vigor e liberdade.

Homem q. duvida — Afinal de conta estás expondo um pensamento quase existencialista. Há uma identidade entre o teu pensamento e esta frase de um analista do existencialismo: "... existência não significa no homem a realidade de alguma coisa que lhe seja exterior, ou que se lhe venha ajuntar de fora, mas significa a própria essência do homem". — Num sentido primário o que procuras é a "vivência-existencial".

Homem q. q. crer — Reduzindo a termos, talvez seja isso o que eu procure. um velho livro da mística Índia encerra melhor o que eu desejo, creio ser um pouco diferente dos termos onde colocastes as coisas. Diz o livro: "a doutrina de todos os sábios, a semente de tudo o que brota, o que quer que seja — com vida ou sem ela — não tem existência, em mundo algum, fora de mim".

Homem q. duvida — Em conclusão, encontrando ou não a tua verdade, o teu novo céu e a tua nova terra, és um homem que só pode viver isolado. Te digo sinceramente, gosto muito de ti e de estar contigo, mas socialmente és um inútil.

Homem q. q. crer — Existem muitos como eu. Quanto a ser socialmente inútil é uma questão de ver as coisas. Dizes que sou inútil para a sociedade, eu digo que a sociedade é inútil para mim, é uma questão de ângulos.

Homem q. duvida — Deves convir ser o teu ângulo por demais estreito. — (Pausa). — Encontrar a tua verdade torna-se, nas bases sobre as quais colocas o problema, um motivo de longa pesquisa, por demais torturante para ser compensadora. — (Pausa). — E o amor? Já procuraste o teu céu e a tua terra no amor?

Homem q. q. crer — O amor para mim foi uma experiência exasperante. Em vez de encontrar a paz transformei o amor em desespero. Creio que amo em excesso. A força e a pujança do meu amor superaram em demasia o que o ser amado poderia suportar. A minha verdade deve encerrar paz e o meu amor é desespero.

Homem q. duvida — O teu caminho é mesmo em busca de Deus!

Homem q. q. crer — Deus é justamente o sustentáculo dos que não querem conhecer a sua verdade. Crer em Deus nada mais é do que tomar uma atitude acomodatória.

Homem q. duvida — Então negas a existência de Deus?

Homem q. q. crer — Não, não nego a existência de Deus, aceito-a. Apenas não acredito nele.

Homem q. duvida — E a estética? A arte não poderá encerrar, também, a tua verdade?

Homem q. q. crer — Quando encontrar a minha verdade encontrarei o meu princípio estético. A arte é eletivo da vida. A verdade pessoal de cada indivíduo traz

implícita a sua essência de arte. Boa ou má, segundo a qualidade do seu espírito.

Homem q. duvida — Te compreendo. A verdade particular de cada homem, como a arte, transcendem as circunstâncias que o cercam. (Pausa. Medita). — Acho absolutamente falta de prática esta tua pesquisa.

Esta busca não terá fim. Não passarás de um pobre homem enquadrado na definição vulgar; "nasceu, sofreu, morreu".

Homem q. q. crer — (Enquanto o outro falava, fica olhando para o lugar onde apontou a figueira). — Acho estares errado. A figueira me deu um indício do caminho para a minha solução.

Homem q. duvida — O que?

Homem q. q. crer — Estás vendo o ramo mais forte?

Homem q. duvida — Sim!

Homem q. q. crer — O que está pendendo dêle?

Homem q. duvida — Parece ser uma corda...

Homem q. q. crer — Então?

Homem q. duvida — Não! Isto não!

Homem q. q. crer — Eis a resposta. O caminho. Sim, aí está a minha verdade: O desprendimento de tudo, a libertação total. Não esperava ser a solução tão simples. — (Pausa). — Nós relutamos em aceitar que o belo em sua pureza está sempre nas coisas mais simples e passageiras. A beleza total, como a nossa verdade total, deve ser possuída num só momento, num instante tão rápido quanto o relampago.

Homem q. duvida — E que pretendes fazer agora?

Homem q. q. crer — Não demorar mais o momento da posse de minha verdade, do encontro com o meu novo céu e minha nova terra.

Apagam-se as luzes. Um momento. Tornam a acender, agora de outro lado. Sobre o fundo é projetada a som-

bra do homem que quer crer, balançando do galho da figueira.

Homem q. duvida — (Está de pé, olhando para o figueira. Declama com naturalidade) —

Corpo de homem morto
Que balança tristemente
Da árvore que vive
Na campina dolente

Corpo de homem morto
Que o novo céu possuiu
E na nova terra viveu
Que balanças suave e tristonho
Da árvore vivente
Porque és tão medonho?

Corpo de homem morto
A primeira terra já foi
Já foi o primeiro céu
O mar já não é
E tu por acaso serás?
No novo céu e na nova terra?

PANO.



Desenho de VERDIER

O "EGÓLATRA"

AUREO NONATO

Tristíssimo e já entregue à minha solidão, depois de levantar-me de uma mesa de bar, onde me taxaram de "ególatra", fiquei parado olhando o mar e a luz tenue e romantica da lua se espalhando sobre o calmo de suas águas.

E já não era tristeza que sentia. Um passeio através do passado! E, não sei a título de que, me veio à lembrança, aquele personagem, que Odilon vem vivendo, aos olhos do espectador surpreso e melancólico que foi ao Gloria, assistir a peça: "Os homens . . .", que mudou de nome. Chama-se agora "O Mundo é Nosso". Talvez, quem sabe, mais uma ironia da vida, bulindo com aquele espectador melancólico, e tão solitário. Mas, aquele personagem, o "Sacarino", tem muito o que ver o tal espectador.

"Sacarino", sem mais delongas, intromete-se na vida de "Clara". "Clara", é o personagem principal da peça, (que Nicete Bruno, vive admiravelmente). Ele não quer outra coisa senão a felicidade da jovem, que ama um infeliz moço, pois é tão pobre quanto ela. Convince-a a lutar pelo seu amor. Rouba-lhe a personalidade. Ela agora só o obedece! Não, absolutamente, ele não tem o menor interesse pelo amor de "Clara", confessa. "Sacarino" é uma criança tonta. Quer apenas divertir-se. E aí está todo o seu drama, toda a sua comédia.

E, então aquele olhar, fixo no remanso das ondas manchadas de luar, teve medo das suas absurdas compa-

(Conclue na página 19)

JOYCE HERBERTO SALES

Tinha doze anos o menino James Joyce quando estudou a guerra de Tróia, da qual lhe ficaria para sempre na memória o episódio de Ulisses. E a partir daí esse nome exerceria uma decisiva atração no seu espírito sob a forma e de inatingível ideal humano — o nome depois influenciando a sua obra mais talvez do que as próprias aventuras do herói mitológico. É verdade que muitos dos seus críticos — e entre eles estão Valery Larbaud e Edmond Yilson — vêem no romance **Ulisses** uma epopéia moderna inspirada e calcada em Homero; mas com maior razão se acham os que opinam ter o livro se chamado assim da mesma maneira que poderia ter tomado o nome de **Atila**, **Amadis de Gaula** ou qualquer outro. Porque é o próprio Joyce que confessa que ao escrever o **Dubliners** sentiu a tentação — e nunca esse termo foi empregado com tanta propriedade — de lhe dar o título de **Ulisses em Dublin**, tendo logo no entanto mudado de idéia. Por outro lado o francês Jacques Mercanton, numa aguda análise que fez



James Joyce

Mercanton — "e que não oferece nada mais que irrisão ao exame do pensamento, dramático pesadelo sem

passado e sem futuro e que se desenrola em um presente inapreensível, mas onde uma intuição mais poderosa descobre um ritmo no futuro, leis inelutáveis no jôgo, uma unidade nesta diversidade caótica, a augusta justiça de Zeus exercendo-se no centro mesmo do drama das contradições e dos sofrimentos, um eterno e magnífico incendio regido por uma justiça mais rigorosa que todas as vontades morais do homem".

Leitor de Aristóteles — aos vinte anos lia e anotava ele o filósofo grego na Biblioteca de Saint Geneviève, segundo o depoimento de Gorman, seu biógrafo e amigo — e de Homero — não só na infância como na idade adulta, e a propósito convem lembrar que, na Suíça, escrevendo já o **Ulisses**, o seu amigo grego Nicolau lhe recitava passagens inteiras da **Odisséia**, no original — é Joyce um escritor de formação helênica; ou, para usarmos uma definição comum a vários de seus críticos — "a expressão helênica da literatura do século XX". E foi estudando sua justa medida o sentido grego que em suma encerra o romance **Ulisses** — e não só isso mas também a despersonalização, à força de ser objetivo, de Joyce — que um outro crítico seu, Bajarlia, concluiu que o título representa apenas o autor buscando a si mesmo: "É um moderno Odiseu em busca de seu espírito — sua verdadeira Ítaca. E este Odiseu, este Ulisses não é Estevão, nem nenhum outro. É o próprio James Joyce". Realmente é apenas o esquizofrênico magistralmente diagnosticado por Jung e caracterizado por sua consciencia fragmentária, é tão somente James Joyce, tivesse o romance aquele título ou não.

Todo e qualquer livro dirigido a esta Revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

NASCENÇA PRIMA-IRMÃ

LINA TÂMÉGA PEIXOTO

(Cataguases)

Pela noite de rosa mundo
chamei meu anjo
parente de minha mãe.

Chamei Nascença prima-irmã
entre espelhos e auroras.
Quis ver o seu rosto de música.

Comprei um barco
para eu e Nascença viajar
e espalhei no caminho

conchas, gritos, noite só.
Dei ao vento de verão
as velas dulçorosas.

Dividi-luarmente meu anjo,
uma parte salgou
a outra foi valsar.

Arrastei-o por entre pedras e
[lamas e desterros
até ao Hospital Imaculada
e injetei-lhe morfina

nos dedos azues.
E puz na mão esquerda
um binóculo marítimo

para que pudesse olhar
através do vento
o compasso da minha dança.

Larga a dança, deixe os véus
molhe os olhos
põe seu vestido preto

porque meu anjo está doente
meu anjo está morrendo.
Põe o seu broche de lembrança.

Venham todos espreitar
Nascença prima-irmã
parente do meu retrato.

Não tragam a idade
casos de amor
nem flores para cheirar.

Escutem o seu lamento
olhem o seu movimento
o seu jeito de cantar.

Teçam malhas de sussuros
em tórno dos olhos névoa
em tórno de sua boca

de termômetro trimestral.
Não deixem que meu anjo
se evapore me deixando na
[madrugada.

Chorem, riem, façam loucuras
visitem a lua
repartam a vida.

Me dêem o vestido do meu
[anjo
o canto e o seu orvalho,
ai! que meu anjo já morreu.

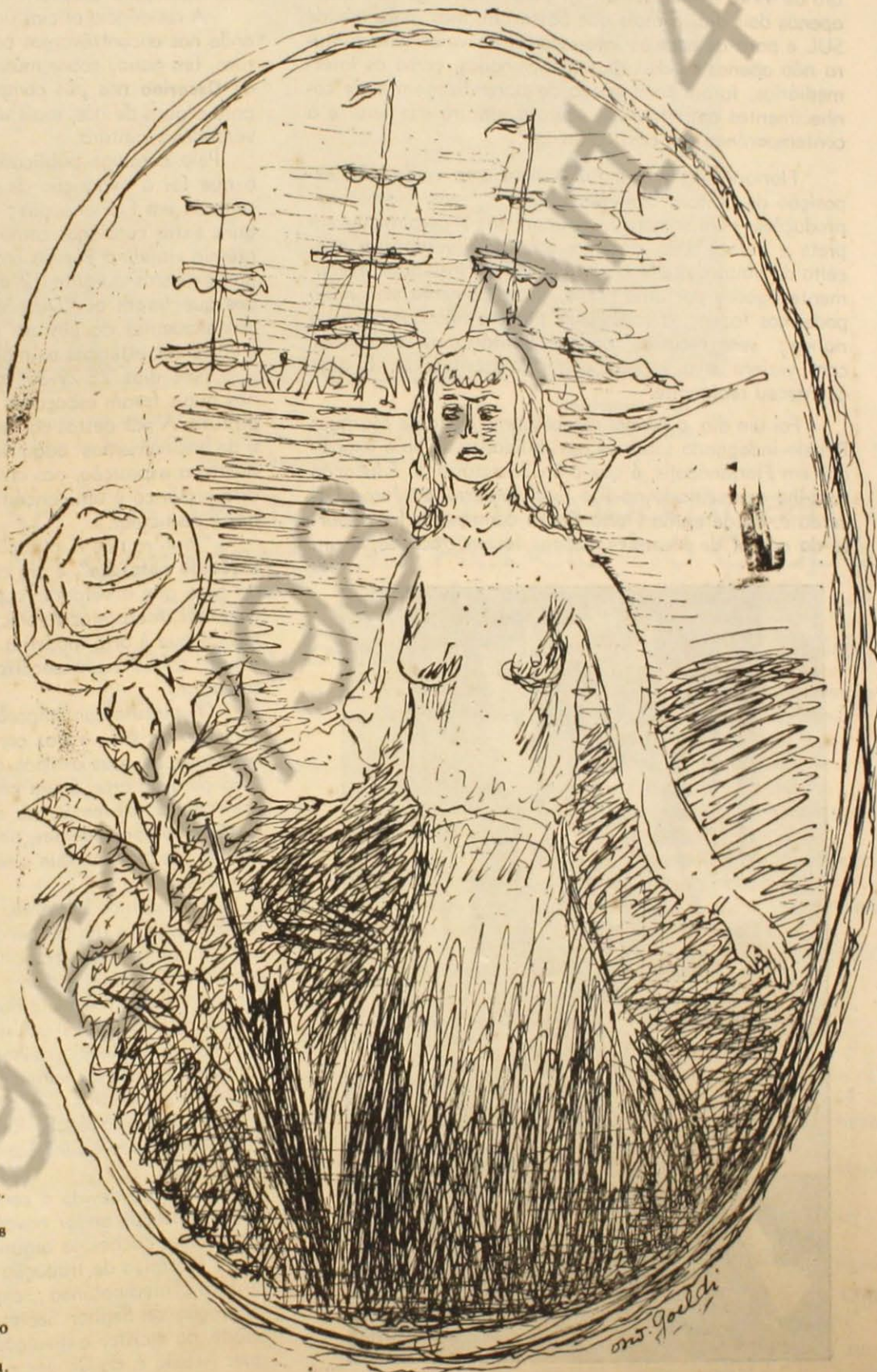


Ilustração de O. GOELDI

Marques Rebelo e a Exposição de Pintura Contemporânea

por ARCHIBALDO CABRAL NEVES

25 de Setembro de 1948 — sábado —, 6 de Outubro de 1948 — 4.ª feira —; para muita gente foram apenas dois dias a mais que passaram, mas, para nós de SUL e para as pessoas interessadas na verdadeira pintura não apenas os dois dias mencionados, como os intermediários, foram uma época de aprendizagem e de conhecimentos amplificados, sobre a pintura em geral e a contemporânea em particular.

Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea, apenas víamos reproduções, nem sempre bem impressas e geralmente em preto e branco, desvirtuando-se assim o verdadeiro conceito de pintura que é a côr. Estávamos insulados, fisicamente ligados por uma ponte, pictoricamente sem nada podermos fazer; a verdadeira pintura não nos chegava nunca; sem recursos, apenas limitávamos a sonhar com viagens e a esperar que algo acontecesse. E algo aconteceu realmente.

Foi um dia, o Anibal recebeu uma carta de Marques Rebelo indagando sobre as possibilidades de uma exposição em Florianópolis, é que o Sr. Secretário da Educação fora-lhe apresentado no Rio pelo conterrâneo Jorge Lacerda e, desde então Florianópolis começou a fazer parte do carnet de Marques. Cartas foram trocadas, e um



O escritor Marques Rebelo. Ao fundo um quadro de METZINGER

dia já veio o homem, com setenta e quatro quadros empacotados para descobrir Florianópolis.

A residência oficial ficou sendo a casa do Hamilton, onde nos encontrávamos para falar sobre pintura, literatura, um pouco sobre música e aprender algo. O autor de **Oscarina** nos pôs completamente a vontade e abriu para alguns de nós, mais um pouco a porta do atelier da verdadeira pintura.

Pelo catálogo publicado noutra local, poder-se-á ver o que foi a exposição de pintura contemporânea apresentada em Florianópolis; foram quase 80 quadros (alguns extra catálogos como o do pintor catarinense — prêmio viagem a Europa em 1939 — Martinho De Haro) que expostos durante 12 dias, mostraram aos interessados que foram ao "Dias Velho" várias obras de alguns dos expoentes da pintura moderna, abrangendo escolas e correntes estéticas as mais diversas.

Nos dias 28-29-30 foram feitas três conferências nas quais foram esboçados os conceitos e objetivos da pintura. A par destas conferências, das opiniões trocadas e de ensinamentos adquiridos nos dias em que ficou aberta a exposição, nos civilizamos um pouco mais na arte pictórica e um conceito mais amplo foi adquirido neste particular.

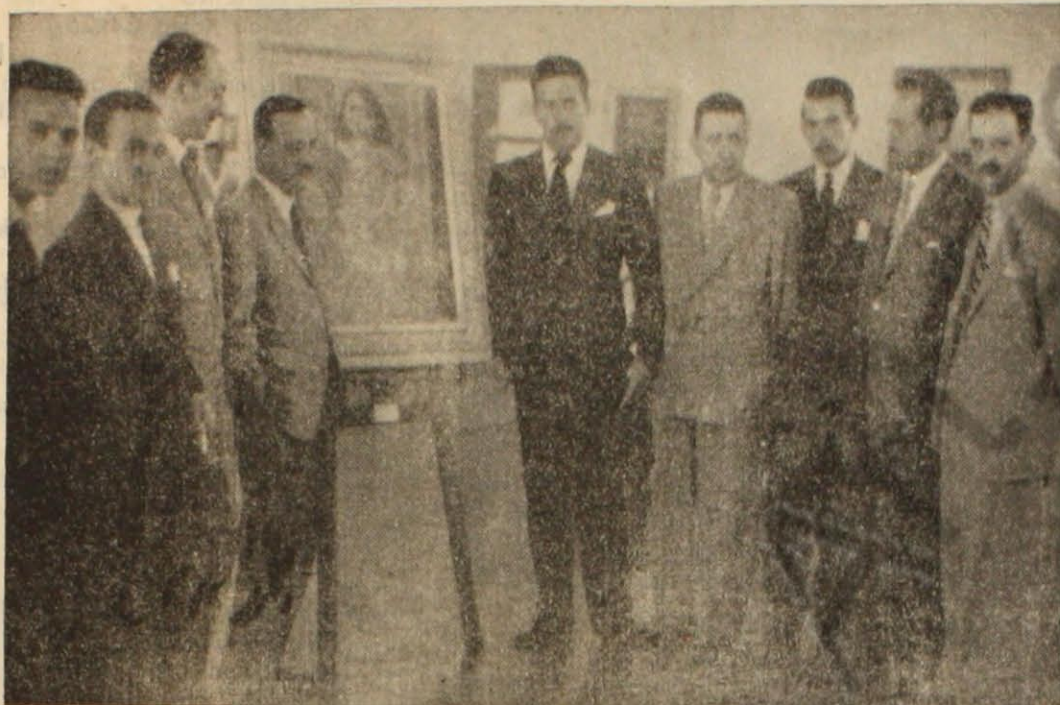
"Pintura não é imitação da natureza, mas, **interpretação da natureza**", é um conceito que deverá ser repetido para que a verdadeira pintura não fique sufocada e seja mal interpretada por certa maioria, que desconhece tudo o que é arte moderna, seja música, pintura ou literatura, e fica assim encerrada nas sete torres duma falsa cultura.

"A pintura contemporânea é séria. É um produto de evolução artística e traz consigo toda a sinceridade e honestidade de seus artistas que desejam realmente fazer uma obra de arte. É um produto de esforço e não mera brincadeira. Devemos, ao olhar um quadro, **respeitá-lo si não o compreendemos**, pois ele representa a opinião de outrem, de alguém, que o sentiu e compreendeu". (O grifo é nosso).

Aprendemos bastante, e mais ganhamos, pois agora já possuímos um pequeno museu (a sala Marques Rebelo) de pintura contemporânea que sob a direção de Martinho De Haro, e com o apoio do governo municipal, e esperamos, estadual também, estamos certos de muito será acrescido o nível artístico-cultural de Florianópolis.

Marques Rebelo deixando aqui um museu de pintura em formação, voltou para inaugurá-lo, trouxe-nos alguns bons quadros; e com a ajuda da gente de boa vontade de Florianópolis fundou a A.B.D.E., secção estadual, adquirindo assim Santa Catarina uma maioria mais ampla.

SUL (que devido a contra-tempos havidos, somente agora consegue andar novamente) com grande entusiasmo publica clichés de alguns dos quadros aqui expostos, numa tentativa de tradução do que foi a exposição de pintura contemporânea; exposição essa que foi uma colaboração do Senhor Secretário da Justiça, Educação e Saúde, do escritor e divulgador de artes plásticas Marques Rebelo e, do Dr. Jorge Lacerda, diretor do suplemento literário Letras e Artes, que reunindo estas duas pessoas, tornou possível o redescobrimiento de Florianópolis.



Grupo apanhado no recinto da exposição. Ao lado do quadro de Portinari, "A Menina", estão os Srs. Marques Rebelo, Jorge Lacerda, Armando Simone Pereira, Elpídio Barbosa, e outros

Exposição de Pintura Contemporânea apresentada por Marques Rebelo no Grupo Escolar "Dias Velho" — Setembro - 1948 — sob os auspícios da Secretaria da Justiça, Educação e Saúde

ALFREDO KUBIN



A folia, óleo de LEGER

Alemanha

- 1 - "Circe", litogravura, 38x27
- 2 - "O castelo", litogravura, 38x27

MÜLLER — HARTMANN

- 3 - "Diabólico", xilogravura a cores, 27x36
- 4 - "Figuras no espaço", xilogravura a cores, 31x23

Argentina

EMILIO PETTORUTI

- 5 - "Sol da manhã", óleo, 65x50

DOMINGOS PRONSATO

- 6 - "Potros no pampa", óleo, 20x15

MAGDA DE PAMPHILIS

- 7 - "O Sulco e a Gaivota", verniz brando e aguada, 54x41.
- 8 - "Terra bendita", agua forte, e aguada, 65x50

Austria

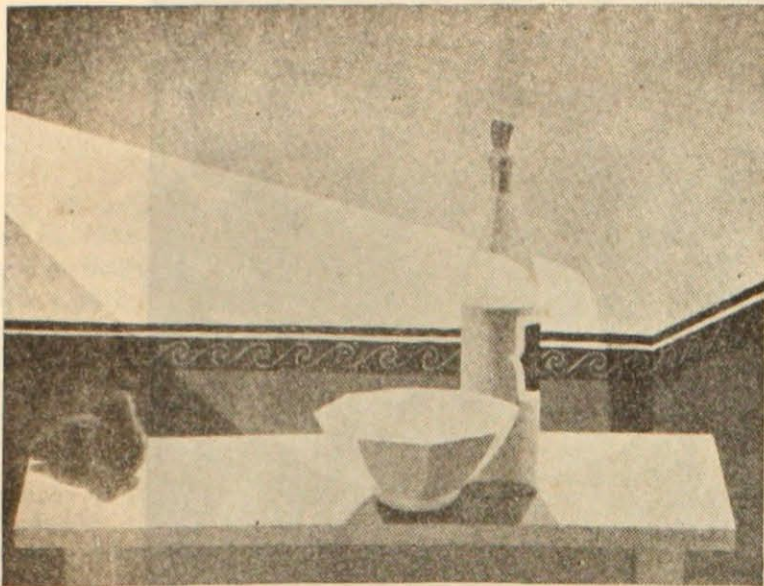
AXEL DE LESKOCHESK

- 9 - "Ilustração", xilogravura, 11x17
- 10 - "Ilustração", xilogravura, 11x17

Chile

RAMON VERGARA GRÉS

- 74 - "Botafogo", desenho a nanquim, 32x25
- 75 - "Outeiro da Glória", desenho a nanquim, 32x25



As peras, de PETORUTTI

ISMAEL GOMEZ DE LA SERNA

11 - "Janela", óleo, 50x65

JEAN LURÇAT

12 - "Galo", guacho, 32x25

ANDRÉ DERAIN

13 - "Banhistas", óleo, 31x25

RAUL DUFY

14 - "Banhistas", litogravura, 34x25

MAURICIO VLAMINCK

15 - "A tempestade", litogravura, 20x23

FERNAND LEGER

16 - "A folia", óleo, 41x31

MAURICIO ASSELIN

17 - "Mulher sentada", óleo, 49x59

ARPAD SZENES

18 - "Cabeça de mulher", desenho a nanquim, 18x25

VASELAY

19 - "Composição", óleo, 20x26



Desenho de Matisse (Coleção Josias Leão)

JOAQUIM TENREIRO

20 - "Grajá", óleo, 34x26

OSSIP ZADKINE

21 - "Interior de café", aquarela, 36x52

Rússia

Tchecoslovaquia

LIESLER

22 - "Comediantes", guacho, 30x40

KAREL SIGMUND

23 - "Paisagem", aquarela, 46x34

RICHARD LANDER

24 - "Estrada de ferro", aquarela, 44x30

GABRIEL KAREL

25 - "A ponte", aquarela e crayon, 57x46

DIVICA LANDROVA

26 - "No parque", aquarela e nanquim, 44x33

JAN ZACH

27 - "Cavalo", aquarela, 61x48

28 - "Repucho na Glória", óleo, 46x30

Brasil

IBERE CAMARGO

29 - "No campo", óleo, 54x45

30 - "Mulher", ponta-seca, 13-17

JOSÉ PANCETTI

31 - "Itanhaem", óleo, 45x37

32 - "Flores", óleo, 38x46

OSCAR MEIRA

33 - "Cabeça de Cristo", guacho, 30x22

ROBERTO BURLE MARX

34 - "Flores", óleo, 54x45

RUBEM CASSA

35 - "Flóres", óleo, 65x54

CARLOS ALBERTO PETRUCCI

36 - "Na estância", nanquim, 29x22

JOÃO FAHRION

37 - "A tonte", litogravura, 54x38

BRUNO GIORGIO

38 - "Figuras", ponta-seca, 35x26

ALFREDO CESCHIATTI

39 - "O pracinha", bico de pena, 30x22

ALDARI TOLEDO

40 - "Figuras", desenho a nanquim, 45x61

EDITH BEHRING

41 - "A lavadeira", xilogravura a cores, 16x26

PERCY DEANE

42 - "Retrato de Elza Proença", óleo, 54x45

43 - "Amantes", desenho a lápis, 12x10

44 - "O abraço", aquarela e nanquim, 14x11

MILTON DA COSTA

45 - "Ponte no Sena", guacho, 23x17

46 - "Montmartre", guacho, 14x17

DJANIRA

47 - "Parque de diversões", óleo, 73x60

TOMÁS SANTA ROSA

48 - "Mulher", desenho a nanquim, 30x40

49 - "Mulher", desenho a nanquim, 30x40

50 - "Crianças", desenho a lápis, 40x50

51 - "Crianças", desenho a lápis, 40x50

DI CAVALCANTI

52 - "Figuras", desenho a nanquim, 22x32

PERCY LAU

53 - "Jangadeiro", aguaforte e aguada, 19x23

54 - "Banguê", aguaforte e aguada, 19x23

55 - "Gente simples", desenho a estilete,

16x13

ORLANDO TERUZ

56 - "Mater Dolorosa", óleo, 60x50

57 - "Ecce Homo", óleo, 37x45

LASAR SEGALL

- 58 - "Mulher", desenho a côr,
12x10
59 - "Na janela", xilogravura,
13x13
60 - "Figuras", xilogravura,
16x9

JOSÉ MORAI S

- 61 - "Paisagem", óleo, 56x47

CÂNDIDO PORTINARI

- 62 - "Menina", óleo, 60x74

QUIRINO CAMPOFIORITO

- 63 - "Cena de rua", aguada,
28x24
76 - "Trabalhadores", desenho a
nanquim, 32x23
77 - "Ponte do Rosário", aquare-
la, 40x31

HILDA CAMPOFIORITO

- 78 - "Capela em Diamantina",
aquarela, 40x32
79 - "Operários", monotipia
34x27

CONTRIBUIÇÃO INFANTIL

- JOSÉ MARIA
64 a 73 - cquarelas



Banhistas, óleo de DERAIN

ROSA VERMELHA

- Tua voz, Cloé. Se êles ouvissem tua voz.
— Amiel, Amiel, não me faças mais do que eu sou.
— Por que ?
— Porque eu sou apenas mulher.
— Sim Cloé, mas os teus sentidos não teem a monotonia dos sentidos das outras mulheres.
— Eu sou cega.
— Enxergas mais que as outras mulheres. Vês tudo pelos outros sentidos : As maldades e as hipocrisias dos homens, tu conheces pelos sons que soltam, pelas coisas que preferem, pelo aperto de mão.
— Amiel !
— Segura esta rosa. Que côr tem essa rosa ?
— É vermelha.
— Por que é vermelha ?
— Porque cheira como o meu sangue. O sangue dizem que é vermelho. Leva, Amiel. Leva a rosa vermelha.
— Cloé !
— Estúpido ! Olha esta rosa vermelha, desfolhada sôbre a mesa !
Amiel acorda-se. Amiel levanta-se. Amiel olha as pétalas vermelhas e balbucia :
— A rosa vermelha é Cloé.
Vê Filipe. Não se impressiona com a sua arrogância.
— Que fizeste da rosa vermelha ? A rosa vermelha é Cloé.
— Amiel ! nunca ví tamanha insensatez. Esquecetes tua mulher, repudiaste teus filhos como qualquer cafageste que perdeu o amor a si mesmo e o senso de responsabilidade. — É preciso que eu repita. — Não ligas a mínima importância a minha posição. A situação de tua mulher perante à sociedade. Ficará mal vista por todos

(Conclusão da 3.ª página)

porque todos sabiam que vivias num céu e te invejavam. A sociedade grita que és um criminoso e, cedo ou tarde, Deus te castigará. Olha, olha esta rosa vermelha. Sim, ela é Cloé, tu o disseste. Amanhã serão pétalas murchas que atirarás à lata de lixo. Cloé amanhã também estará na sargeta. Volta para tua mulher e teus filhos.

— Filipe ! eu encontrei o meu caminho.

— Caminho que te leva e a nós também para o atoleiro.

— Não, basta compreender e olhar as coisas como elas são. Tu sabes, melhor do que ninguém, da minha vida. Falaste da sociedade e sabias que não era a sociedade que vivia com minha mulher. Era eu, compreende, era eu ! Os carinhos de minha mulher, quem os recebia ? A sociedade ? Não Filipe, não. Eu, somente eu ! A sociedade, sim, castigou-me, fazendo-me viver com uma mulher que eu nunca conheci, verdadeiramente, que me martiriza com a sua autoridade de mulher rica, com a sua voz de metal sonante. Quando eu a abandonei e a meus filhos, ela não pensou em mim, pensou no que poderiam dizer as amigas, na sociedade e na opinião pública ; nem sequer pensou nos filhos. Qual o maior crime. O que é protegido pela sociedade ou o que é protegido pela natureza ? Tu, meu caro irmão, nem devias abrir a boca. Eu disse, a rosa vermelha, é Cloé. Eu reafirmo. Está desfolhada. Murcha. Secará. Uma coisa fica, Filipe, que vocês não veem porque não teem sentido para percebê-la e isso é o essencial. Fica sabe, Filipe, o perfume da rosa vermelha. Cloé me dará o amor e a compreensão que eu nunca havia conhecido. Cloé é a rosa vermelha. A sociedade e vocês me castigaram, porem, Deus me indicou o caminho e me enviou o arco-iris. E o arco-iris é o amor, o amor é Cloé.

Palavras de Marques Rebelo no catálogo da exposição do artista Jorge Larco, realizada no Salão Peuser — Buenos Ayres — Outubro de 1945



A igreja de Canasvieiras. Aquarela



O cemitério de Canasvieiras. Aquarela

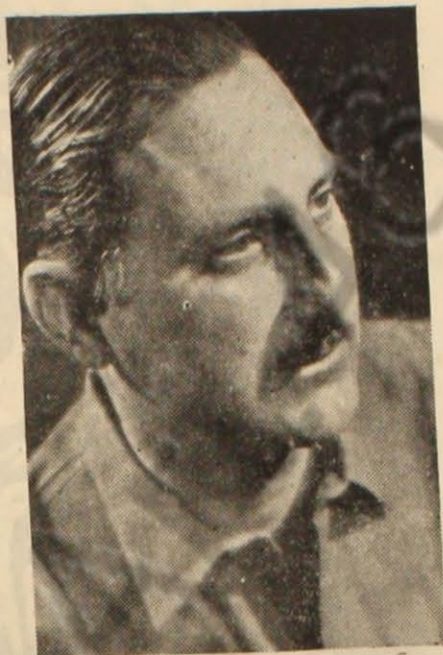
Em dois verões sucessivos que passou no sul do Brasil, Jorge Larco jogou por terra mais uma vez toda esta coisa absurda que se chama nacionalismo.

Ser artista é identificar-se. E Jorge Larco identificou-se com a paisagem brasileira como já se identificara com a do Delta. O que esta tem de úmida e aquosa, aquela tem de luminosa; o que esta tem

de simples e parecida, aquela tem de luxuriante e acidentada. Mas luz e umidade, planura ou acidente, tudo é igual para o artista que olha e sente. E Jorge Larco com a sua vibrante sensibilidade captou todo o sentido da paisagem e da vida brasileiras. E poucos o fizeram com tanta segurança e emoção.

Em suas aquarelas de mestre, está gravado êsse essencial que caracteriza a costa catarinense: natureza sem disciplina — morros, orquídeas, abacaxis, palmeiras, urubus, cidades íngremes de telhas côncavas, verdes infinitos, calor e tempestade! Nada escapou ao seu olhar penetrante: e ali está também o homem resignado, anestesiado, ínfimo e abandonado, sofrendo sua paisagem de desoladora riqueza.

Um grande artista argentino e a paisagem catarinense



O artista argentino
JORGE LARCO



Os abacaxis.
Ilha do Francês.
Aquarela



A horta.
Ilha do Francês.
Aquarela.



Gravura de FAYGA OSTROWER, cuja exposição no Ministério da Educação, de 1 a 15 de Novembro deste ano, constituiu um dos mais significativos êxitos artísticos do ano

Tôda bôa Arte traz uma mensagem do tempo em que é criada além de uma mensagem de verdade e beleza humanas, permanentes no percurso da existência do homem.

EGLÊ MALHEIROS

Quando a árvore da minha rua
Acaricia o céu
O sol logo responde
Numa gargalhada de luz
E as nuvenzinhas tôdas
Coram de rubro
Esmaecendo logo
Num tênue adeus
É a tarde de verão que se despede
É um sonho, um quasi sonho que se vai
Largado na nuvem mais brilhante
Caminhando pro horizonte, pra terra, para o jamais

As crianças fizeram suas rodas
O canto alegre encheu o céu
Soaram os sinos no morno da tarde
E a grama senti sob meus pés
Na fruta agreste, pitanga rubra
Havia gôsto de vida, grande amargor
E os sons chegaram
Tão cadenciados
Que as palavras
Bailavam no ar
E eu sonhei
Ao fim do canto :
"Margarida foi à fonte
Foi à fonte e não voltou..."

E o azul quente
Do céu tão meu
De uma rosa triste
Se recobriu
Ficando púrpura lá no horizonte
De onde o avião surgiu
E eu desejei prender-me às asas
Ser como um símbolo de libertação
Longos cabelos da côr do cobre
Saudando todos com grande amor
Me transformando quando na volta
Em sentimento sem ambição

Na angústia intensa
De exterior plácido
Dansaram flôres
Brilharam sons
Enquanto as cigarras
E as borboletas
Criaram a música
Do movimento
Da sensação de poder ser

E o mar amigo
Na grande calma
De quem guarda borrascas
Dentro de si
Mandou-me um suave, doce murmúrio
Pra eu responder, e eu me esqueci...

Na tarde de verão que se despede
Há um sonho, um quasi sonho que se vai
Na nuvem mais brilhante está largado
Para que volte amanhã todo orvalhado
Doutras terras, doutro azul, doutro cantar...

A "Revista Branca" vai iniciar suas edições com o lançamento de uma ANTOLOGIA DE CONTOS DA NOVA GERAÇÃO, da qual farão parte jovens escritores do Rio e dos Estados. Nessa Antologia, a ser publicada brevemente, os trabalhos serão ilustrados por desenhistas da nova geração.

REVISÃO DE VALORES

(Conclusão da 1.º página)

gum defender Carlos Drumond. Mesmo porque achamos não precisar êle de nossa defesa. Nem queremos dizer que êle é o deus, o único, o insubstituível, etc. e tal. Inegavelmente, porém, é êle o maior poeta brasileiro dos últimos tempos.

Tem coisas de que não gostamos em sua obra? Não gostamos de nada? Muito bem. Então vamos dizer sinceramente, francamente que não gostamos. O que de forma alguma, vem diminuir a obra do poeta. Porque, não gostar, não significa que não presta. Podemos não gostar, não concordar e no entretanto reconhecer o valor de um trabalho, sua importância dentro da época, em relação aos demais, e o porque da permanencia dele atravez dos tempos.

É inegável a influência de Carlos Drumond de Andrade na maioria dos poetas novos do Brasil.

Influência maior do que a de qualquer outro. E como recebem essa influência os novos? Se revoltam? Porque não tentam se livrar dela, não a utilizar? O que fazem porem é muito diverso.

Que dizer dos que sofrem profundamente essa influência, dos que se aproveitam do poeta enquanto podem, dos que tem a obra impregnada da dele e depois lhe querem, descaradamente, mandar um pontapé nos traseiros? Não sejamos de forma alguma satélites de Carlos Drumond. Nem de quem quer que seja. (Aliás a tendência atual é para a individualização na obra de arte. Cada qual faz seu caminho próprio. Interessante é que isto de forma alguma vem prejudicar a socialização do mundo pois que as duas coisas sendo contrarias no entretanto se entrelaçam, tem pontos de afinidade, de contacto). Mas também reconheçamos a dívida que temos para com êle e seus companheiros. Podemos, quase diria devemos, não segui-los. Nunca porém ignorá-los quando se quiser falar em poesia ou em arte no Brasil.

Façamos revisão de valores. Ela é tão necessária, tão fundamental para a continuidade artística quanto o surgimento de valores novos, a renovação. No entretanto que essa revisão não seja, nunca, de forma alguma destruição, mas sim consolidação dos verdadeiros valores. Pois que os valores não pertencem a um período, a uma época, mas a todos os períodos, a todas as épocas. De cada vez saem maiores, mais engrandecidos. De vinte e trinta, um Manoel Antonio de Almeida, um Raul Pompeia, um Machado de Assis, um Lima Barreto, saiu maior, com todo o seu valor mais límpido, mais insofismável. Porque eram valores que a revisão enobrecia.

Da mesma forma como sairão maiores amanhã um Mário de Andrade, um Carlos Drumond de Andrade e outros.

Outubro 948.

O DRAMA DE OTTO

T. C. JAMUNDÁ

Otto, guardou o bilhete de loteria como guardava uma joia. Até a caixa era mesmo de joias, sómente, já-mais havia encerrado uma jóia. Fôra as alianças dele e da mulher, compradas em prestações no joalheiro Stern.

— Se o bilhete fôsse premiado, pediria as férias e deixaria Fuxicópolis. Faria um longo passeio, tão longo que desse para esquecer todos os nomes das pessoas de Fuxicópolis.

Verdadeiramente no íntimo não sentia muita fé ou melhor bom palpite, porem por outro lado não tinha motivos para contradizer o rifão, muito repetido pelo tio e padrinho Hermann — “Seu” Otto, quem não arisca não petisca”.

E era muito lógico que se não jogasse, não seria premiado, naturalmente, precisava ser favorecido pela sorte. Mas, para ter sorte, era preciso que de nascença tivesse sido destinado. Era o que pensava e algumas vezes pensou em voz alta mas, o padrinho Hermann, ralhou carrancudo e neurastênico.

— Que destino que nada “Seu” Otto, faça por onde que Deus ajuda. Trabalhe, destino é coisa de beatas, cave a vida “Seu” Otto, ande, fure mundo.

Aí, sentia dúvidas. . . — Se o velho Hermann, não fôsse seu padrinho, julga-lo-ia um homem sem entranhas, um materialista. Não só pelo módo que falava, porque também nem esmolas dava e não havia auxiliado as obras da igreja de São Bonifácio.

— Quem sabia lá se era ao contrario. . . — Pelo oráculo os nascidos nos dias 1.º de janeiro, eram propícios a fortuna, como também que os do mês de agosto, viviam sempre em desgostos. — Assim ou assado o velho padre Lúcio, aconselhava que era uma necessidade ter esperanças. E era o que sentia, por necessidade de gosar as férias e fazer uma parada de vinte dias no ramerrão quotidiano de sua vida doméstica.

— Levanta Otto. . . — Otto, já são horas. . . — Otto, o padeiro tem a conta. . . — Otto, os meninos vão ficar sem leite. . . — Otto, traga fermento, traga sabão, traga vacinas para os pintos. . .

— Começava o dia, era comida para as galinhas, para pombos, para porcos. Nos domingos e feriados eram as mesmas obrigações mais os consertos nos galinheiros, nos chiqueiros, nas cercas, nos arames para estender roupas.

— Não tinha dúvidas que sómente umas férias para um passeio longo, onde ficasse inteiramente alheio das coisas de Fuxicópolis, dar-lhes-ia socêgo.

— Mas se fôsse falar em ficar socegado. O velho Hermann, lôgo diria irritado — sócego “Seu” Otto? . . . — Qual nada, gente pobre nasceu para morrer mexendo-se, cave a vida senão, nunca deixará de ser empregadinho de escritório de fábrica de banha. — Um dia ainda teria coragem de dizer-lhe :

— Olhe meu padrinho, não seja materialista nem pessimista, porque Deus quando tarda, vem em caminho. Ele como sempre teria resposta, e mesmo falaria assim no dia que em dicionário idóneo lêsse o significado absolutamente exato das palavras “materialista” e “pessimista”, estaria prevenido para o sermão, e o fim seria o mesmo :

— Desculpe meu padrinho, preciso ir, está na hora de ouvir à PRY-99. — Resmungando ele desculparia ralhando das literatices, xingando o mundo das novelas radiofônizadas, e elevando que a melhor atividade era plantar aipim para vender a Cr\$ 250,00, a tonelada.

Daria bôas gargalhadas se seu bilhete de loteria fôsse premiado, ficaria rico sem ter plantado aipim e sem cavar a vida como desejava o padrinho que fizesse. Então provaria que a fortuna era uma questão de sorte, naturalmente, escrita num destino. Queria ver só qual seria a resposta dele. Por certo a notícia chegaria por telegrama, os jornais publicariam, estações de rádio gritariam seu nome por extenso, e, por certo o tal locutor antipático fizesse-lhe uma bajulação incomensurável, elogiando sua novela radiofônica. O “Bubi” de “Frau” Fritz, seria o portador do telegrama, então dar-lhe-ia uma bicicleta nova e dinheiro para que cortasse a cabeleira sempre grande e encaracolada. Não faria escândalo, calmamente, chamaria um automóvel e trataria primeiramente de pagar todas as dívidas, queria recibos selados a última seria a do padrinho Hermann. Nada diria, inventaria uma história, quando ele lhe desse o recibo, convida-lo-ia para testemunhar sua doação de dez mil cruzeiros para as obras da igreja de São Bonifácio. — Por certo ele ficaria roxo de curiosidade, porem, não lhe diria antes de também convida-lo para uma estação de cura nas águas termais. Contava no fim o prêmio da loteria.

— Se alguém lhe perguntasse : Otto, você conhece bem seu padrinho Hermann, e sabe por que lhe fizeram afilhado dele. — Teria que dizer não. Porque, quanto mais convivia com ele, muito menos o compreendia. — Não estava censurando, mas o velho Hermann era sêco ríspido e talvez no lugar do coração tivesse um cactus. — Era bem o que “Frau” Fritz, chamava um coração de pedra. — Coração de pedra. . . — Se ele não fôsse coração de pedra, seria rico? . . . — Uns dizem que não. — Mas êsses também eram ricos como ele. Outros, comentavam que, a riqueza não adiantava quando vivia-se sozinho e doente. — Aí l ámetiam-lhe no bestunto outra dúvida : que adiantava ter família porem viver sem dinheiro, sem férias e sem um bom rádio para ouvir, perfeitamente PRYB-99 no horário das novelas? — Ter família para acordar cedo, tratar das aves, dos animais, divertir os filhos até a hora de levar um para o jardim da infância e outro para o grupo escolar.

Depois, sentar na mesa do escritório até meio-dia, riscando notas e carregando números de um livro para outro. Não havia dia que não andasse com notas que dariam mais de um ano nas águas termais.

Então, no caso de passar um ano nas águas termais, teria inspiração e tempo de sóbra para escrever a novela radiofônica do concurso. Ela vivia-lhe na mente, não tinha a menor dúvida que se a escrevesse, teria entrada escancarada para a vida de escritor de novelas radiofônicas. Aí daria adeus aos lançamentos no Diário, no Razão, no Caixa, nos números, aos cálculos.

Outra coisa que faria se o bilhete fôsse premiado, era auxiliar o João Maria. O único a quem sempre lia suas novelas radiofônicas. A êste faria uma surpresa humanitária. — Quando fôsse consultar o dicionário para ver a

significação das palavras "materialista" e "pessimista", também analisaria se era gramatical, dizer-se: surpresa humanitária. — Que fôsse ou não, faria uma surpresa ao João Maria: iria a um lugar onde não lhe conhecessem, lá, faria um vale postal para ele e deixava que ficassem ignorando o remetente.

— Castelos de... "Seu" Otto. — Dir-lhe-ia o padrinho se lhe ouvisse os pensamentos. — Você é um homem vencido por novelismos, por sonhos, por asneiras. — Anda nas nuvens "Seu" Otto, dando trabalhos a cabeça... — Melhor é estudar uma aplicação para o caroço de pêssego. — Não respondia para não ser malcriado, calcule, ele Otto, inteiramente, voltado para tornar-se um escritor de novelas radiofônicas, tratar da aplicação industrial do caroço de pêssego...

— Um dia... — Quem poderia dizer que êste dia não chegaria, atentado pelo demo, responderia mal ao velho Hermann, poderia perder o respeito a consideração de cardíaco e, dizer no rosto que já estava cansado de ouvir insulto a sua personalidade íntima... — Era outra expressão que teria de analisar: personalidade íntima. — Contudo ia tolerar até quando ainda lhe devesse os alugueres da casa que morava. — Quando tivesse os recibos atestando que os mesmos estavam pagos, diria: padrinho, sou seu afilhado mas não um pulha, todos nós temos aspirações...

Era pesado lembrar que devia vinte e quatro meses de alugueres de casa. E toda vez que via o socêgo que poderia ter acaso tivesse casa própria, sentia dúvida, se a surpresa que faria ao João Maria, deveria ser vale postal ou uma casa... — A experiência do velho Hermann, poderia ser bôa conselheira. — Iria a ele e perguntaria... — De novo o velho diria: contando com o que ainda não foi pôsto "Seu" Otto. — O iria dizer, senão que era verdade. — Mas, se dissesse, ficava ele repetindo: tenho razão ou não "Seu" Otto.

— Teria que dizer que ele estava coberto de razão, então mais uma vez teria de ouvir a história da vida trabalhosa do velho Hermann, dê da carroça de um cavalo... — e que cavalo, era um com força de três porem, que comia ração de um poldro, era o melhor alazão do mundo do velho Hermann.

*
* *

Otto, viu contente, passando o dedo no número do calendário que estava riscado com lapis vermelho e repetiu muitas vezes, mentalmente, dia 24 de abril, certamente a notícia seria telegráfica. Divagava, intimamente, dando tempo ao tempo, quando notou a cabeça de cabelos encaracolados. Era "Bubi" atrás da vidraça da janela. — Repremiu exclamação.

Tinha prometido para si próprio que não daria escândalos. Conteve-se disfarçando que ainda não havia visto o "Bubi", e esperou que ele saísse do reservado de "Herr" Berthold.

— "Herr" Berthold, era outro que nunca mais veria com muito prazer. Passava o tempo e "Bubi", não saía da gerencia. — Certamente, "Herr" Berthold, o alemão mais bruto que um pôrco, não queria que "Bubi" lhe entregasse o telegrama. — Repremiu o desejo de ir à gerencia e foi abrir a janela para ventilar o ar quente que lhe envolvia o rosto. — Só podia ser o calor da manhã, e a consequência do esforço que fazia para reprimir o desejo de tomar das mãos de "Bubi" o seu telegrama.

— Voltava para sua mesa de trabalho quando o auxiliar de escrita perguntou-lhe: "Seu" Otto o senhor está doente?

O VOSSO MOMENTO

HUGO RAMIREZ

Pensai em todas as angústias humanas
e comparai-as com os lírios pisados das ruas;

Pensai em todas as desilusões dos amantes
e comparai-as com as rosas murchas no outono;

Pensai em todas as incursões pelo infinito
em busca de um espelho para profundos problemas
e comparai-as com as geadas do inverno.

Pensai no amor, nas lutas e nas buscas
e com outros amores, lutas e buscas comparai.

Mas na hora da vossa experiencia
não compareis com momento algum
o momento que é apenas
vosso.

(Porto Alegre)

— Era o cúmulo, era zombaria, pegou a régua para espatifa-la mas, sentiu que era melhor sentar-se e não responder.

— "Seu" Otto! — Alguem chamava-lhe. Preferiu não responder por que se fôsse o auxiliar de escrita... — "Seu" Otto, tornaram a chama-lo. — Lembrou-se que poderia ser "Herr" Berthold. — Certamente, era ele mesmo queria dar-lhe os parabens por primeiro, com aquele seu ar de riso semelhante à careta de teatro. — Levantou a cabeça para atender e pretendeu levantar-se da cadeira mas não governava as pernas... — Alguem as tinha amarrado... — Forcejou, e notou que o auxiliar de escrita havia entrado de supetão pela porta de vai-e-vem da gerencia. — Teria sido o auxiliar de escrita de ordem do gerente "Herr" Berthold... — Iam ficar com seu telegrama e receberiam o premio da loteria. — Fez tudo quanto podia, virou macho de verdade, como aconselhava o velho Hermann, e gritou que não fêsem palhaços. — "Herr" Berthold surgiu, atrás dele "Bubi" com sua cabeleira encaracolada e ainda com um telegrama na mão... — Era o seu. — A face de "Herr" Berthold, era brutalhada, sínica e prussianicamente desafiadora. Era o carrasco do escritorio... — Era ele mesmo o carrasco da sua novela radiofônica, sendo que lá era o nazista Berthold... — Ele estava a dois passos, via-lhe bem o pescoço curto e grôso e saltou para segura-lo. — O pescoço era grôso de sebo, não podia segura-lo como queria porem, sentiu que o alemão escorregava amolecido formando um volume disforme no soalho, a água que descia dos olhos dele era azul, como azul da tinta com que escreveu a sua novela radiofônica. Quiz fazer mais, porem, todo mundo lhe segurava e lhe amarrava mais e mais. Gritou quanto poudo pelo padrinho Hermann, e viu mesmo que ele vociferava encarapitado no fio elétrico da lâmpada.

*
* *

Disseram ao estafeta "Bubi", leve o telegrama para o padrinho dele. "Bubi" pedalou sua velha bicicleta como um ciclone sem compreender nada de tudo quanto havia presenciado: um simples telegrama e por causa dele um homem havia ficado doido antes de lê-lo. — O velho Hermann, teu o telegrama em voz alta, pausadamente: b i l h e t e b r a n c o. — E perguntou: ele soube? — Não, "Bubi" respondeu. Então adivinhou, disse-lhe o velho Hermann, dando-lhe uma moéda de centavos azinhavrada e ilegivel.

NOTÍCIAS

Está acontecendo tudo, como sempre, apesar de muita gente não saber.

Mas as nossas notícias não estão incluídas nisso: elas são já bem velhinhas e poucos os que não as conhecem, e menos ainda os que perceberam alguma coisa do que elas significam. Não faz mal. Sabemos que há gente que percebe e gente que não percebe as coisas. É assim. Mas um dia todo mundo fica percebendo o que agora se faz. Percebem tarde, mas percebem. Hoje ninguém mais duvida que a terra gire, mas já houve fogueira por causa disso, e muita teima.

Sempre é gozado ver, os que chegam atrasados e só podem apanhar uma nesguinha do estribo do bonde. Outros já vão sentados. Mas isso é uma história comprida e enjoada que não vamos continuar porque aqui não tem bonde, neste "bonde".

Temos é urgência de dar as nossas velhas notícias.

uma:

Lembram-se do navio que Pascoal Carlos Magno ia fazer, um navio com artistas, para ir ao norte? Pois não saiu do porto. Não deu. Em compensação ele organizou um congresso monstro de todos os Teatros do Estudante e teatros de novos do Brasil, para julho, em Cataguazes.

Será a primeira vês que se reunirão para estudar, uns com os outros e com os grandes vultos artísticos de hoje que aderiram ao Congresso, os representantes dessa geração nova que está fazendo coisas novas dentro da passadeira em que vive. (Tudo isso, ainda, por causa de Mario de Andrade e os outros de 1922).

Assim, Cataguazes será, por gloriosos dias, o norte e o sul, o leste e o oeste, o centro e a juventude do Brasil.

duas:

Enquanto saiu o último número de SUL e escrevemos isto, Marques Rebelo veio duas vezes a Florianópolis. E não trouxe só duas novidades mas uma porção delas. Muito lhe ficamos devendo pela lição que foi sua presença entre nós: lição pra frente, não lição pra traz.

Vimos e ouvimos a exposição de Arte Contemporânea que o Archibaldo fez a reportagem; ficamos com museu de arte que os guris do Grupo Escolar Dias Velho pediram para se chamar "Marques Rebelo"; aprendemos a fazer a revista um pouco melhor; foi fundada a ABDE, Secção de Santa Catarina; estamos com uma bem organizada lista de "literatura essencial" ou biblioteca mínima (que é menos pedante); organizamos o grupo do teatro. E fora a conversa, as discussões e os serões para ouvir bons discos.

três:

A Secção Catarinense da Associação Brasileira de Escritores foi fundada dia 11 de novembro p.p. Trinta e dois sócios fundadores e a seguinte direção: Henrique Stodieck, Presidente; Anibal Nunes Pires, Vice-Presidente; Hamilton Ferreira, 1.º Secretário; Fúlvio Vieira, 2.º Secretário; Laila Freyesleben, Tesoureira. Conselho Fiscal: Henrique da Silva Fontes, Hercílio Medeiros, Oton Gama d'Eça, Joaquim Madeira Neves e Vilmar Dias.

Com a ABDE, sem bairrismo, os intelectuais catarinenses terão possibilidade de se organizar e de fazer alguma coisa mais pelo desenvolvimento da nossa cultura, que vai tão mal, ainda.

CARICATURA DOS TEMPOS

BELMONTE

Sucede com o inimitável caricaturista, não há muito desaparecido, algo de verdadeiramente sem precedentes na história dos nossos artistas. Belmonte, cujo ápice da fama coincidiu com o período mais crítico da história do mundo, é ainda hoje tão oportuno, tão atual, tão apreciado, como o foi nos dias em que suas "charges" atraíam milhares de leitores e ultrapassavam as nossas fronteiras. Quem não estará ainda muito bem lembrado daquelas caricaturas felizes, hilariantes, irreverentes por vezes, sempre mordazes e calcadas sobre a veracidade histórica nos mínimos detalhes?

Explica-se em parte esse ainda hoje sucesso de Belmonte. Os acontecimentos posteriores ao fim da guerra que ele acompanhou e fez (não há exagero no termo) com seu lapis mágico, seguem ainda as linhas gerais que ele tão irônicamente traçou. Mas do que então, nos é dado hoje compreender a sua fina ironia, o seu pessimismo leve e ferino. Mudando-se alguns nomes, ou alguns traços fisionômicos, muito pouco nestas charges divertidíssimas e exemplares estará fora de época. É que, nunca como em nossos tormentosos dias, a história se repete com tão vertiginosa rapidez.

Andaram bem as "Edições Melhoramentos" coligindo em artístico e bem apresentado álbum, sob o título de "Caricaturas dos Tempos", as principais "charges" de Belmonte, publicadas na imprensa paulistana durante os anos da última guerra. Ali estão, guardadas para a posteridade, a arte, o gênio, a previsão, o humor, a crítica do saudoso desenhista. Mas não é, como pode parecer à primeira vista, um simples passatempo. "Edições Melhoramentos" deram a seu álbum um traço de gravidade e ponderação, apresentando um breve e substancioso retrospecto dos principais acontecimentos que, acumulando-se aceleradamente, precipitaram o conflito de 1939. Todos os principais sucessos que convulsionaram o mundo ali comparecem: do golpe de setembro de 1930, quando os nazistas se tornam maioria no parlamento alemão, até esse triste acontecimento ainda de ontem que foi o assassinato do mediador da Palestina. Torna-se pois o álbum um repositório "sui generis": a verve de Belmonte ironizando um mundo desencontrado que é, dentro de suas controvérsias, já de si tão irônico...

Mais de duzentas charges reproduzidas depois de criteriosamente selecionadas. Páginas: 112. Formato: 18x23 cm. Preço: Cr\$ 30,00.

Em todas as boas livrarias ou pelo Serviço de Reembolso

Postal nas

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Caixa Postal 120 B — São Paulo

quatro:

Os "Gibis", finalmente! estão sofrendo as consequências dos abusos crescentes que praticaram contra a educação da criança brasileira. Quasi tudo que essas más revistas contêm de errado e de prejudicial para a criança está sendo dito em revistas e jornais. Pode ser que isso dê resultado e que apareçam outras leituras, sem bobagens e crimes para enganar e criar vícios no espírito infantil.

HAMILTON FERREIRA

RECEBEMOS e AGRADECEMOS

REVISTAS: **A Ilha** — revista dos novos de S. Luis - Maranhão, em seu primeiro número. Direção de José Sarney Costa e Bandeira Tribuzi. Colaboram neste número: Luc^y Teixeira (conto), Erasmo Dias (conto); Bandeira Tribuzi, José Sarney Costa, Luiz Carlos (poesia).

Século-Jornal — ano 1 — n. 3. Curitiba — Paraná. Direção de Almo Saturnino, Lálío Persio, H. Cavalcante e J. J. Turim. Colaboração múltipla e variada.

Região — Ano 3 — n. 9 — Recife — Pernambuco. Direção de Edson Regis. Colaboram neste número: Carlos Moreira, Ledo Ivo, Edson Regis, Guerra de Holanda, Duarte Neto, João Feliciano, Cláudio Tuiuti Tavares, Cesário de Mello e Joaquim Cardoso (poemas); Laurênio Lima, Edson Nery de Fonseca, Sílvio de Macedo, Tomás Seixas, João Pessoa de Moraes, Antônio Franca e Veríssimo de Mello (artigos); Conto de Rui Amazonas e trecho de uma peça de teatro por Ariano Suassuna.

Joaquim — n. 20 — ano 3 — Curitiba — Paraná. Direção de Dalton Trevisan. Neste número: Entrevista com Wilson Martins. Artigos de Bernardo Gersen, José Geraldo Vieira, Glauco Flores de Sá Brito, José Paulo Moreira da Fonseca, Temístocles Linhares e Antônio Girão Barroso. Depoimento de Oscar Sabino Jr. Conto de Dalton Trevisan.

Clã — n. 4 — Fortaleza — Ceará. Direção: Fran Martins (novela); Mauro Mota, Edson Regis, Jacó Fernandes, Artur Eduardo Benevides, Lucy Teixeira, Fernando Ferreira de Loanda, Otacílio Colares, Lêdo Ivo, Durval Aires, Bandeira Tribuzi, Claudio Tuiuti Tavares, Solano Trindade, Wilson Rocha e Clovis Assumpção (poemas), Florival Seraine, Antônio Martins Filho, Ne^y Guimarães, Aluisio Medeiros, Gastão Gusta, Ivan Sérgio Rodrigues, Fran Martins, A. M., Antônio Girão Barroso e Otacílio Colares, (artigos). Traz ainda um conto de James Joyce, em tradução de Braga Montenegro.

Folhas Avulsas — n. 5 — publicação das Edições Melhoramentos — S. Paulo.

Artes-Plásticas — direção de Ciro Mendes, ano 1 — n. 1 — São Paulo.

Quixote — ano 1, n. 3 — Porto Alegre. Orientação de Sílvio Duncan, Raimundo Faoro e João Francisco Ferreira. **Quixote**, uma das nossas melhores revistas de jovens, apresenta em seu terceiro número, artigos de: Wilson Chagas, Acelio Daudt, Raimundo Faoro e Edson Nery da Fonseca; crônicas de: Sílvio Duncan, e Fernando Jorge Scheider; contos de: Nathaniel Guimarães, Vicente Moliterno e João Francisco Ferreira; e poemas: Heitor Saldanha, Edson Regis, Mauro Mota, Paulo Birol, Fernando F. de Loanda, Ledo Ivo, Fred Pinheiro, Nilsa Helena, Paulo Correia Lopes, Fernando Paranhos Moreira, Joaquim Lessa Rosa, Ayrton Marçal e José Bezerra Gomes.

Revista-Branc — ano 1 — n. 3 — Rio. Diretor: Saldanha Coelho. Colaboram neste número: Peregrino Junior, Sílvio de Macedo, Cyro dos Anjos, Evaristo de Moraes Filho, Haroldo Bruno, Linneo Séllos, Rocha Filho e Bráulio do Nascimento (artigos); Saldanha Coelho, Cléa Malheiros, Nataniel Dantas (ficção); Da Costa e Silva Filho (poesia).

Letras da Província — ano 1 — n. 1, de Limeira, E. de S. Paulo. Orientação de João de Souza Ferraz.

LIVROS: **A nuvem de fogo** — poesias de Antônio Santos Moraes, edições Literatura, 1948, enviado pelo autor.

Fuga — poemas de Colombo de Sousa, edição do autor, 1948, enviado pelo mesmo.

O "Ególatra"

(Concl. da pg. 6)

rações. Assustado, ficou mais ainda, quando lembrou-se de que, no final da peça, o cínico "Aldo Sacarino", havia se apossado daquela personagem, que havia perdido a sua própria personalidade. Afinal, "Sacarino" não fez outra coisa senão desposar-se a si mesmo. Terá ele encontrado a felicidade? Terá ele deixado de ser aquela criança, tonta, que apenas se divertia? — Voltou, ao pensamento do espectador olhando o mar, o absurdo de suas comparações. Não, de modo nenhum poderia ser isso possível. Nem mesmo chegava a ser egoísmo o fato de alguém lutar pela felicidade, querer ser feliz. Algum dia teria ele, o espectador, deixando de amar alguém? E quando se ama, pensava ele, a maior preocupação não é proporcionar à criatura amada todas as alegrias e satisfações? "Amar é dar", dizem os livros santos. E não foi isso o que sempre procurou fazer? E, então? Porque "ególatra"?

Do mar um vento frio e triste chegava-lhe de quando em vez às faces paradas, e inexpressivas, como de um morto. Sentia-se abandonado e infeliz. De repente, lhe vieram à cabeça outros pensamentos. E a criatura por quem no momento era toda atenção? Será que o acreditaria um "ególatra"? Apavorado com a ideia, por momentos deixou de olhar o mar, para pouco depois, volver seu olhar parado, àquela solidão tão irmã da sua. Haveria ingratidão se assim o pensasse. Pois, toda as suas atitudes, todos os seus gestos, foram feitos para o seu agrado. E, porque então enganar? Porque aceitar os gestos carinhosamente dirigidos, suas atitudes generosas, se nelas não encontrava nenhuma forma de satisfação ou de prazer, por insignificante que fosse? — Impossível foi continuar a pensar. As interrogações pairavam sobre a sua cabeça. — Uma neblina começou a cair. Bruscamente, a realidade, se me apresenta. — E, melancólico, triste e entregue à minha solidão, voltei daquele passeio através do passado. E fui andando, olhando o mar e a luz tenue e romantica da lua se espalhando sobre o calmo de suas águas.

Luz do Pântano — poesias de Bruno da Rivera, edição da Livraria José Olímpio Editora, 1948, enviado pelo autor.

Os cantos novos — poemas de Almo Saturnino, edição do autor, 1948, enviado pelo mesmo.

Perfil de Machado de Assis — ensaio de Luis Paula Freitas, em terceira edição, 1947, enviado pelo autor.

Até que surja a Alvorada — romance do escritor catarinense Zedar Perfeito da Silva, edição do autor, 1948, enviado pelo mesmo.

O Filho do Gaucho — Franz; **O Príncipe do Mundo** — Edith Head; **Perí, o jovem Esquilo** — Felix Salter; **Viagens Maravilhosas de Marco Polo**; **As Galinhas de Juca** — J. Reis; todos enviados pela Comp. Melhoramentos de S. Paulo. São, uns livros infantis e outros para a juventude, bem impressos e apresentados, com literatura sadia e amena, muitas ilustrações, capas em cores, gravuras, etc.

Os dias iguais, poemas de José Escobar Faria, Editora Pongeti, 1948. Rio, enviado pelo autor.

O Templo da Estrêla — Poemas de Marcos Konder Reis, Editora Pongeti, 1948, Rio. Enviado pelo autor.

Novos Mundos em Vila Tereza — contos de Dirceu Quintanilha, Rio 1948, com capa de Percy Deane, enviado pelo autor.

Ronda dos teus olhos — poemas de Van Jaga, edição do autor, 1948, enviado pelo mesmo.

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. VIDAL RAMOS, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Comp. Ind. Fett Ltda.

INDUSTRIAIS E EXPORTADORES

PINHO

Bruto — Beneficiado — Caixario

Escritório: Rua 24 de Maio, 246 — Caixa Postal, 16
FLORIANÓPOLIS

JOVENS AUTORES

Uma atraente fórmula cooperativa permitir-vos-á publicar em França as vossas obras (peças de teatro, romances, etc...). Escrever para informações a:

EDITIONS LUTETIA

91, Rue Saint Lazare, Paris 9^eme, Seine, France

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e crianças
GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUECAS

ETC

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

RUA FELIPE SCHMIDT, 3 — FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro...

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

RUA DEODORO, 33 — FLORIANÓPOLIS

MARÇAL

Um café superior, para o seu paladar apurado

Fabricante: **A. LISBOA**

BIGUAÇU — SANTA CATARINA

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

“SUL”

PARA 1949, AS “EDIÇÕES SUL”

Maiores detalhes no próximo número

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2.º andar

FLORIANÓPOLIS

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: RUA TRAJANO, 29

Residência: RUA ALVES DE BRITO, 20

FLORIANÓPOLIS

Dr. Armando Valerio de Assis

CLÍNICA MÉDICA DE CRIANÇAS E ADULTOS

Alergia (Asma, Eczemas, Urticárias e Rinites)

Consultas das 15 às 18

Consultório: Rua Nunes Machado, 7

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8
FLORIANÓPOLIS

Dr. Guerreiro da Fonseca

ESPECIALISTA

Do Hospital de Caridade e do Centro de Saúde

Ouvidos — Nariz — Garganta — Tratamento e Operações

Residência: FELIPE SCHMIDT, 99 — Tel. 1560

Consultório: VISCONDE DE OURO PRÊTO, 2 — Das 2 as 5

Pela manhã das 7,30 as 9 horas no Hospital

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Rua Alves de Brito, 23

Fone M. 732

Consultório:

Rua Saldanha Marinho, 16

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

Na edição comemorativa do nosso aniversário estamparemos vários trabalhos de

Martinho De Haro,

com notas sobre o mesmo.



O PARAISO

DE

Elias Mansur Elias

Fazendas e Armarinho Sedas e Modas

Rua Felipe Schmidt, 21 - Florianópolis
C. Postal 74 - Fone 1629 - S. Catarina

Casa «A Capital»

Especializada em artigos para homens,
senhoras e crianças

Distribuidores das afamadas confecções
"DISTINTA" e "RIVET"

FILIAIS:

BLUMENAU — TUBARÃO — LAJES

MATRIZ:

FLORIANÓPOLIS

Vendas: Varejo e Atacado

I. J. Aterino & Cia.

Sucessores de

Demétrio Lucas Armazem de Gêneros Alimentícios Atacado e Varejo

R. Jerônimo Coelho, 2
FLORIANÓPOLIS

Fábrica de Bebidas — MARTE

Gasosas, Guaraná, Xarope, Kola
MARTE — Aguardente

Irmãos Mendes & Cia.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

FILIAL BIGUAÇÚ

End. Telefônico

"PERINE"

Caixa Postal, 61

Conselheiro Mafra, 99

FLORIANÓPOLIS

Santa Catarina

S U M A R I O

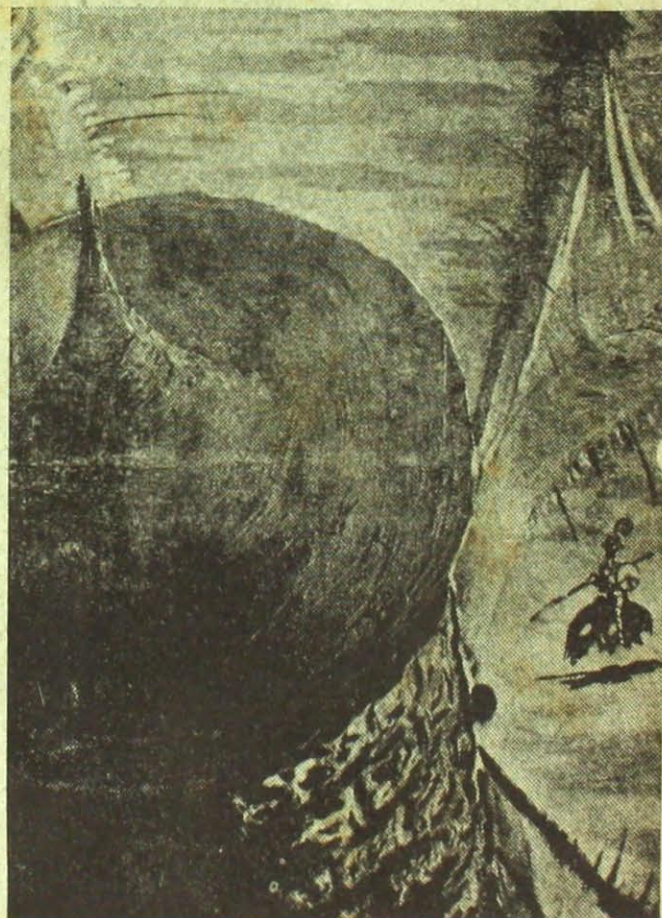
POEMA	—	Clovis Assumpção
SUICÍDIO	—	Walmor Cardoso da Silva
REVISÃO DE VALORES	—	Salim Miguel
ROSA VERMELHA	—	Anibal Nunes Pires
O NOVO CÉU E A NOVA TERRA	—	Ody Fraga e Silva
O VOSSO MOMENTO	—	Hugo Ramirez
JOYCE	—	Herberto Sales
NASCENÇA PRIMA-IRMÃ	—	Lina Tâmega Peixoto
EXPOSIÇÃO DE ARTE		
CONTEMPORÂNEA	—	Archibaldo Cabral Neves
UM GRANDE ARTISTA ARGENTINO E		
A PAISAGEM CATARINENSE	—	Marques Rebelo
QUASI UM SONHO NUMA TARDE DE		
VERÃO	—	Eglê Malheiros
O DRAMA DE OTTO	—	T. C. Jamundá
O EGÓLATRA	—	Aureo Nonato

A — Os sentidos não percebem senão aquilo que passa. O entendimento percebe o que fica. — PLATÃO.

B — A arte é coisa mental. LEONARDO DA VINCI.

C — É necessário sair da realidade para entrar na verdade. RODIN.

D — Arte é um estado de espírito. MARCEL PROUST.



D. Quixote — Desenho de DUFY